

O USO DO CINEMA IRANIANO EM AULAS DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

THE USE OF IRANIAN CINEMA IN GEOGRAPHY CLASSES IN BASIC EDUCATION

FRANCISCO FERNANDES LADEIRA
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
ffernandesladeira@yahoo.com.br

Denise leite marques
Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)
deniseleite1996@gmail.com

Resumo: Este artigo relata uma prática de ensino em que o filme iraniano “Filhos do Paraíso” foi exibido para estudantes do Ensino Médio de uma Escola Pública Estadual de Minas Gerais. O objetivo da atividade em questão foi aguçar o interesse discente por produções cinematográficas que estão além dos padrões hollywoodianos. A princípio, os alunos demonstraram certa resistência ao longa-metragem trabalhado em sala de aula, pois apresentavam visões reducionistas, estereotipadas e preconceituosas em relação ao Irã. Consideravam que em países muçulmanos só havia guerras e que nenhuma manifestação artística como o cinema seria possível. No entanto, a partir da exibição e posterior discussão sobre o filme foi possível desmistificar a visão ocidental sobre a nação persa e compreender um pouco mais sobre a sua cultura. De maneira geral, os discentes ficaram surpresos pelo assunto abordado em “Filhos do Paraíso” (a solidariedade entre irmãos, que dividiam o mesmo par de sapatos). Também houve uma participação significativa dos alunos na discussão final sobre o longa-metragem assistido. Muitos, inclusive, citaram exemplos de filmes em que puderam notar a influência ideológica em nosso olhar sobre um determinado assunto e também pediram sugestões de mais filmes iranianos para assistirem posteriormente.

Palavras-chave: Cinema. Geografia. Sala de aula.

Abstract: This article reports on a teaching practice in which the Iranian film "Children of Heaven" was screened for high school students of a State Public School of Minas Gerais. The aim of the activity in question was to sharpen student interest in film productions that are beyond Hollywood standards. At first, the students showed some resistance to the work about the movie done in the classroom because they presented reductionist, stereotyped and prejudiced visions towards Iran. They considered that in Muslim countries there were only wars and that no artistic manifestation like the cinema would be possible. Nevertheless, from the exhibition and later discussion about the film it was possible to demystify the western vision about the Persian nation and to understand a little more about its culture. In general, the students were surprised by the subject addressed in "Children of Heaven" (the solidarity between brothers, who shared the same pair of shoes). There was also a significant participation of the students throughout the final discussion about the feature-length feature. Many even cited examples of films in which they could notice the ideological influence in our views of a particular subject and also asked for suggestions of more Iranian films to watch later.

Keywords: Movie. Geography. Classroom.

1 INTRODUÇÃO

O cinema, ao contrário de outros meios de comunicação, como o rádio e a televisão, não é somente fonte de entretenimento: também é uma manifestação artística. Diversos estudos realizados por psicólogos, sociólogos e educadores, entre outros profissionais, demonstram as vantagens do uso da linguagem cinematográfica para fins de ensino e aprendizagem.

Hoban Jr. e Van Ormer (1951) enfatizam que após a introdução do cinema no ambiente escolar os alunos aprendem em menos tempo e são capazes de reter com maior facilidade um determinado conteúdo, pois certos filmes estimulam o pensamento crítico e a solução de problemas. No entanto, advertem os autores, os filmes têm maior influência quando seu conteúdo reforça e amplia conhecimentos, atitudes e motivações prévias ou quando seu conteúdo tem relevância direta para a audiência.

Para Guimarães e Diniz (2016) destacam que o cinema é um recurso importante no trabalho pedagógico, não apenas por permitir ilustrar ou exemplificar certas demandas inerentes aos conteúdos disciplinares ou por ser um fator motivacional para os alunos, mas por que as temáticas densas e complexas presentes em inúmeros filmes propiciam reflexões fecundas sobre a sociedade e a produção do espaço que podem desestabilizar certezas, convicções e modos estáveis de ver o mundo.

De acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007), trabalhar com filmes em sala de aula requer que o educador tenha objetivos claramente definidos sobre a razão de seu uso, apresente previamente aos seus alunos a obra cinematográfica a ser exibida e, posteriormente, realize atividades de reflexão sobre o seu conteúdo.

Por outro lado, o cinema também pode ser um poderoso mecanismo para a difusão de “geografias imaginativas”⁷. Paisagens como “África Selvagem” ou “Arábia Desértica” e tipos como “chinês mafioso”, “brasileiro malandro”, “muçulmano terrorista”, “russo insensível”, “africano selvagem”, entre outros truísmos, são presenças constantes em filmes comerciais, sobretudo nas produções hollywoodianas. Daí, se o professor incorpora este material midiático em sala de aula sem realizar a devida análise crítica, estará compactuando, mesmo que de maneira inconsciente, para a propagação de representações preconcebidas que contribuem decisivamente para deturpar as visões dos alunos sobre outros povos, nacionalidades e culturas. Além do mais, uma obra cinematográfica é uma produção demasiadamente complexa que envolve seu caráter artístico, técnicas específicas, a cadeira produtiva e, em uma sociedade capitalista, está direcionada, sobretudo, a objetivos mercadológicos.

Já os filmes produzidos em países do Oriente Médio, por não possuírem grandes pretensões comerciais, tendem a priorizar o caráter artístico de uma obra cinematográfica e, se bem trabalhados pelo professor em sala de aula, podem ser instrumentos importantes para que os alunos compreendam aspectos naturais e antrópicos do mundo muçulmano sem as representações estereotipadas difundidas pela mídia ocidental.

Nesse sentido, o presente artigo relata os resultados obtidos numa prática de ensino realizada através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em que o filme iraniano “Filhos do Paraíso” foi exibido para alunos do Ensino Médio. Os objetivos da atividade em questão foram aguçar o interesse discente por produções cinematográficas que estão além dos padrões hollywoodianos; desenvolver um olhar mais crítico e estético sobre o cinema, isto é, concebê-lo além de uma forma de entretenimento, como uma arte; discutir o poder de influência do cinema e quebrar o paradigma de seu uso na educação apenas de maneira instrumental, explorando os seus aspectos artísticos e ideológicos.

⁷ Driver (2005, p. 144) define “geografias imaginativas” como “representações dos lugares, espaços e paisagens que estruturam o entendimento de mundo das pessoas e, conseqüentemente, ajudam a moldar suas ações”.

Para tanto, após a exibição de “Filhos do Paraíso”, foi realizado um debate em que os alunos puderam expressar livremente as suas concepções sobre o longa-metragem assistido. Em relação a aspectos metodológicos, o presente trabalho utilizou procedimentos de caráter qualitativo procurando obter dados descritivos e compreender os diferentes indivíduos e seus contextos sociais, culturais e institucionais por meio do contato direto dos pesquisadores com a situação estudada, permitindo assim a concepção do cotidiano escolar como possibilidade de vivências únicas e impregnadas de sentido (GODOY, 1995; GIL, 1988). Sendo assim, com o intuito de dar voz os sujeitos-objetos participantes de nossa pesquisa, optamos por citar algumas das falas mais emblemáticas dos discentes nas descrições dos resultados obtidos.

2 METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

A prática pedagógica sobre a incorporação do cinema em aulas de Geografia foi realizada em uma turma de 1º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual “Dr. Garcia de Lima”, localizada no município de São João Del-Rei (MG). A atividade foi desenvolvida em duas etapas: em um primeiro momento, apresentamos algumas características técnicas e conceituais sobre a arte cinematográfica; posteriormente, foi exibido o filme iraniano “Filhos do Paraíso”, com o objetivo de analisá-lo, discuti-lo e relacioná-lo a alguns conceitos geográficos como “espaço”, “território” e “lugar”.

Durante a primeira etapa foram exibidos dois curtas-metragens que têm como cenário a própria cidade de São João Del-Rei: “Ele ou Ela”, dos diretores Otavio Neves e Samuel Gianasi; e “O Último Verso”, da diretora Nicolay P. de Oliveira. Ambos foram lançados em 2015. Os vídeos em questão foram assistidos e analisados observando questões técnicas como roteiro, tema e componente estético. Desse modo, os alunos puderam observar a montagem das cenas, os cenários e os deslocamentos artificiais sobre o espaço urbano, fatores que proporcionaram uma primeira identificação com temas presentes na Geografia Escolar.

Como os discentes já possuíam um conhecimento prévio sobre a cidade onde moram, essa atividade proporcionou uma discussão interessante sobre as visões dos diretores nas composições dos curtas-metragens e das mensagens que eles pretendiam transmitir ao adaptar a cidade na construção de seu cenário. Após a etapa introdutória, foi exibido o longa-metragem iraniano “Filhos do Paraíso” (Bacheha-Ye Aseman), escrito e dirigido por Majid Majidi, lançado no Brasil em 1999. Devido à extensão do filme (88 minutos), foram necessárias duas aulas para que o mesmo fosse assistido e comentado. “Filhos do Paraíso” foi indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 1999 e detém a nota de 82% no *Rotten Tomatoes*, um site popular estadunidense de crítica de cinema.

O longa-metragem narra a história de dois irmãos que vivem no subúrbio de Teerã, capital iraniana. A trama se inicia quando Ali (Amir Hashemian) perde o sapato de sua irmã caçula, Zahra (Bahare Seddiqi). Devido à situação econômica desfavorável de seu pai, os irmãos escondem o sumiço do calçado e ambos passam a dividir o mesmo par de sapatos ao longo do filme.

Tendo como base essa premissa, várias situações são desencadeadas evidenciando aspectos culturais do Irã, como hábitos alimentares, relacionamentos fraternais, os cotidianos escolares e familiares e a relação dos moradores com a cidade.

Outro aspecto que é abordado no filme, mas de forma sutil, é a desigualdade econômica. Esta realidade torna-se evidente nas cenas em que o pai de Ali, que está em busca de trabalho, visita um bairro luxuoso da capital iraniana. As edificações pomposas, as ruas limpas com esgoto encanado destoam bastante da realidade do bairro onde mora a família dos protagonistas.

O jornal *The New York Times* publicou uma nota sobre o filme, em que a autora Janet Maslin afirma:

“Filhos do Paraíso” fornece uma sensação gentil e envolvente da vida e dos costumes iranianos, desde a maneira como a família prepara cubos de açúcar para serem servidos em uma mesquita até a maneira como Zahra ajuda a cuidar dos vizinhos idosos. [...] Apesar de sua desolação superficial, é uma história essencialmente ensolarada (MASLIN, 1999).

A atividade com o filme “Filhos do Paraíso” teve quatro propostas básicas: aguçar o interesse discente por produções cinematográficas que estão além dos padrões hollywoodianos; desenvolver um olhar mais crítico e estético sobre o cinema, isto é, concebê-lo além de uma forma de entretenimento, como uma arte; discutir o poder de influência do cinema e quebrar o paradigma de seu uso na educação apenas de maneira instrumental, explorando os seus aspectos artísticos e ideológico.

As obras hollywoodianas geralmente são pautadas em roteiros repletos de clichês e diálogos rasos. Por ser uma obra diferenciada do *mainstream* cinematográfico, “Filhos do Paraíso” apresenta uma linguagem distinta dos filmes comerciais, que contam com orçamentos exorbitantes, campanhas de marketing incisivas, efeitos especiais deslumbrantes entranhados de explosões e cenas de ação.

3 RESULTADOS

A princípio, os alunos demonstraram certa resistência ao filme, pois tinham visões reducionistas, estereotipadas e preconceituosas sobre o Irã, daí eles associaram o filme a temáticas como guerras, atividades terroristas e radicalismo religioso.

Não obstante, os discentes ficaram surpresos ao saber que os iranianos também produziam filmes, já que, de acordo com as suas concepções, os povos do Oriente Médio não teriam nenhum tipo de organização e muito menos condições de elaborar um longa-metragem, o que fica evidente na fala de um dos alunos: “Eles estão sempre em guerra, não teriam dinheiro para investir no cinema”.

Essa reação ao tomar conhecimento sobre a origem do filme revela a influência ideológica que o cinema e a mídia exercem sobre a sociedade. As principais referências que os alunos possuíam sobre a civilização islâmica, de maneira geral, e o Irã, em particular, estavam relacionadas a aspectos negativos, já que parcela considerável dos filmes hollywoodianos e dos noticiários internacionais da imprensa brasileira relacionam a religião islâmica a atividades terroristas e ao fundamentalismo religioso. Conforme aponta Ferraz (2006, p. 9):

Boa parte dos responsáveis pela produção e elaboração de filmes optou em fazer do cinema mera espetacularização à custa dos mitos e referenciais do homem moderno, permitindo que os indivíduos apenas assistam as imagens e não que participem de suas reinterpretações enquanto referenciais de vida.

Sendo assim, ao terminarem de assistir ao filme, alguns alunos admitiram que “Filhos do Paraíso” não atendeu às suas expectativas, justamente por estarem condicionados a essa visão preconceituosa sobre os povos do Oriente Médio.

Já outros discentes ficaram surpresos pelo assunto abordado em “Filhos do Paraíso” (a solidariedade entre irmãos, que dividiam o mesmo par de sapatos) e também pediram sugestões de mais filmes iranianos para assistirem posteriormente.

Continuando a discussão e tendo como base a reação dos alunos ao descobrirem a origem do filme assistido, foi abordado o poder ideológico do cinema. Para tanto, foi importante entender o papel da ideologia na naturalização de processos históricos, tornando-os isentos de questionamentos.

O cinema não reflete nem registra a realidade; como qualquer outro meio de representação, ele constrói e “re-apresenta” seus quadros da realidade por meio dos códigos, convenções, mitos e ideologias de sua cultura, bem como mediante práticas significadoras específicas desse meio de comunicação (TURNER, p.129, 1997).

Houve uma participação significativa dos alunos ao longo da discussão final. Muitos deram exemplos de filmes em que puderam notar a influência ideológica em nosso olhar sobre um determinado assunto. Nesse sentido, eles citaram os filmes da saga *007* e *Indiana Jones*, por notarem rumos tendenciosos em seus roteiros. Desse modo, pudemos perceber uma nova perspectiva crítica que os alunos construíram ao longo dessa prática. E, em frases como “nunca tinha percebido isso” ou “sempre tem dois lados, né?”, demonstraram os primeiros passos para fomentar um olhar mais atento e minucioso sobre o cinema, essa arte que está tão presente no cotidiano contemporâneo.

Nesse sentido, concordamos com Pimenta e Ferraz (2014) quando destacam que promover diálogos entre cinema e conhecimento geográfico permite a capacitação de elementos que

interferem nas reconstruções dos significados que os sujeitos carregam do mundo no qual vivem. Consequentemente, o contato que temos com os filmes tende a fomentar múltiplas significações que se manifestam com as relações que temos com as obras. Ao produzir novas sensibilidades, uma obra cinematográfica não se constitui apenas em representação do real, é também uma produção do novo, fruto deste contato perceptivo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos ser de suma importância apreciar o cinema e entendê-lo como arte que contém uma linguagem repleta de signos e significados. Portanto, um olhar secundário sobre a sua forma, utilizando-o como um apoio exemplificativo de um certo conteúdo o empobrece, reduzindo a sua complexidade e subjetividade. Este tipo de atitude, como explica Pires (2012) remete a uma prática tradicional, que é voltada para a reprodução dos conteúdos de forma descritiva, conteudista e fragmentada que nega as vivências dos alunos.

Para que a experiência com o cinema em sala de aula não se torne banal, é importante buscar compreendê-lo, questionando as escolhas técnicas do diretor e a sua história, que é composta por mensagens implícitas e subjetivas. Afinal, a incorporação de filmes ao cotidiano escolar deve ser uma experiência tanto estética quanto ética, cabendo ao professor promover essa experiência com os alunos.

Na prática pedagógica relatada neste artigo, podemos afirmar que, a partir da exibição e da discussão do filme “Filhos do Paraíso”, foi possível desmistificar a visão ocidental sobre o Irã e compreender um pouco mais sobre a sua cultura milenar.

Desse modo, é possível concluir que os objetivos da atividade proposta – aguçar o interesse discente por produções cinematográficas que estão além dos padrões hollywoodianos; desenvolver um olhar mais crítico sobre o cinema; e discutir o poder de influência do cinema – foram devidamente alcançados pois, conforme apontaram os relatos aqui analisados, os alunos

superaram concepções reducionistas, estereotipadas e preconceituosas em relação ao Irã que estão presentes na mídia e são reverberadas pelo senso comum geográfico.

Não obstante, o grande envolvimento dos alunos no debate sobre o filme “Filhos do Paraíso” corrobora a hipótese de que a incorporação crítica do cinema em sala de aula é uma ação pedagógica que tende a dinamizar a prática do professor e, conseqüentemente, desperta o interesse discente por conteúdos relacionados à Geografia Escolar.

Por outro lado, é importante frisar que o fato de se acrescentar um meio de comunicação à prática docente não outorga a ele um caráter didático. Somente a partir da mediação do professor, produções midiáticas como as obras cinematográficas podem se constituir em suportes didáticos para o processo de ensino-aprendizagem em Geografia.

5 REFERÊNCIA

BERGALA, A. **A Hipótese-Cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE -FE/UFRJ, 2008.

DRIVER, Felix, “Imaginative Geographies”. In: CLOKE, Paul J.; CRANG, Phil; GOODWIN, Mark (orgs.). **Introducing Human Geographies**. London: Arnold, 2005.

FERRAZ, Claudio Benito O. **Cinema e Geografia**: a Imagem e a Paisagem na Construção de uma Mitologia Moderna - A literatura, a pintura e o filme de western, Presidente Prudente-SP: 2006.

FERRAZ, Claudio Benito O. PIMENTA, Thiago Albano de Souza. Geografia e Cinema: encontro entre linguagens – imagem e palavra. **Entre-Lugar**, Dourados, MS, ano 5, n.9, 1. semestre de 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1988.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GUIMARÃES, Iara Vieira; DINIZ, Kênia Mendonça. Técnica, tecnologia e a produção do espaço geográfico em cena. In: Iara Vieira Guimarães. (org.). **Espaço, Tempo e Cultura Midiática na Escola**. Curitiba: CRV, p. 163-189, 2016.

HOBAN JR., Charles F.; VAN ORMER, Edward B. Instructional film research 1918-1950. **Port Washington**: US Naval Special Devices Center, 1951.

MASLIN, J. **Film Review; For a Pair of Sneakers, Longing, Lies and a Plan.** The New York Times, 1999. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/1999/01/22/movies/film-review-for-a-pair-of-sneakers-longing-lies-and-a-plan.html> > Acesso em: 20 Jun.2018.

PIRES, L. M. Ensino de Geografia: Cotidiano, Práticas e Saberes. **Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – XVI ENDIPE.** UNICAMP, Campinas, 2012.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; A geografia: Pesquisa e ensino. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **Novos Caminhos da Geografia.** São Paulo: Contexto, p. 111-142, 2001.

TURNER, G. **Cinema Como Prática Social.** São Paulo: Summus, 1997.